

GRAMATICALIZAÇÃO E VARIAÇÃO NA EXPRESSÃO DE FUTURO EM ESPANHOL

Leandra Cristina de Oliveira
Ana Kaciara Wildner
Fernanda Lima Jardim Miara

Introdução

O presente trabalho representa uma etapa da pesquisa sobre a variação e mudança do domínio da futuridade em espanhol, cujo objetivo é verificar os contextos favoráveis ao uso da forma verbal inovadora – o futuro perifrástico.ⁱ Considera-se, ademais, a frequência de uso das formas concorrentes futuro sintético “cantaré” e futuro perifrástico “voy a cantar”, em dados da modalidade oral castelhana. Para tanto, analisam-se ocorrências do *corpus* de fala espontânea de Alcalá de Henares, do *Proyecto para el Estudio del Español de España y de América* (PRESEEA)ⁱⁱ, analisando-as a partir do controle de variáveis linguísticas e sociais. Diante desses interesses, propõe-se um estudo que se ancora na interface teórica gramaticalização/sociolinguística.

O interesse pela referida interface decorre da convergência entre alguns postulados, dentre eles, o interesse pela língua em uso, considerando seu caráter dinâmico e heterogêneo. Os pressupostos compartilhados entre as teorias da Gramaticalização e da Variação e Mudança são discutidos por Poplack (2011), destacando a defesa da gradação do processo de mudança linguística, em que se admitem fases intermediárias entre o início e o resultado de um processo de mudança. Dito de outro modo, para ambas as abordagens, a mudança não se dá de maneira abrupta; trata-se, senão, de um fenômeno gradual e contínuo.

1 Gramaticalização e Variação e mudança: aproximações e divergências

Diferentes investigações, interessadas na dinamicidade das línguas, têm buscado respostas para seus objetos de estudo em ambas as correntes teóricas – a Teoria da gramaticalização e a Teoria da variação e mudança –, conciliando-as, em alguns casos, em um modelo denominado “Sociofuncionalismo” (GÖRSKI *et al.*, 2003; GÖRSKI; TAVARES, 2006; GÖRSKI, 2008; TAFNER, 2004).

Na tentativa de aproximar tais teorias, Amorim (2011) aponta algumas correspondências teóricas entre a Teoria da Variação e Mudança e a Teoria da Gramaticalização. De acordo com o autor,

Ambas as abordagens veem a língua como uma estrutura variável e mutável, o que conduz à conclusão de que seus

quadros teóricos partem de uma mesma ideia-base. Assim, sociolinguística e gramaticalização podem ser ferramentas complementares para a investigação dos fenômenos linguísticos [...]. A partir da conjugação de princípios teóricos e metodológicos dessas duas perspectivas, podem-se obter resultados amplos e mais consistentes. (AMORIM, 2011, np)

Em análise dos cinco princípios da gramaticalização propostos por Hopper (1991) – estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização – Amorim (2011) dimensiona os dois primeiros na comparação entre teorias.ⁱⁱⁱ

Para o autor, a convivência entre o *futuro sintético* e o *futuro perifrástico* ilustra a estratificação dessas duas formas possíveis para a expressão de futuro no português atual – estendendo-se a outras línguas, como o espanhol –, uma vez que construções como *farei* e *vou fazer* coexistem num mesmo domínio funcional – futuridade –, embora esta última esteja se tornando a opção cada vez mais usada, notadamente na modalidade oral da língua. Para a Teoria da Variação e Mudança, conforme postulam Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968]), quando duas ou mais formas apresentam o mesmo valor referencial em um determinado contexto, no qual não há perda de significado, trata-se de *variantes* de uma mesma *variável*. Como exemplificação, é possível citar a expressão de futuro, que, além da forma sintética *farei*, passa a registrar também a perífrase *vou fazer*.^{iv} Como bem afirma Amorim (2011), a semelhança que as formas sintética e perifrástica têm, além de etimológica, é também fonológica, como se observa em *Ele vai na festa* e *Ele vai ficar na festa*, em que o uso lexical (espaço) e gramatical (tempo) da forma conjugada *vai*, nesta ordem, convivem ocupando diferentes funções, fato que está diretamente ligado ao princípio da *divergência*, remetendo também ao princípio ou problema da *transição*.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), o problema da transição tem como finalidade compreender as fases intermediárias em função do tempo, captando o processo gradativo e contínuo da mudança, uma vez que a forma antiga não é simplesmente substituída pela nova: existem diferentes estágios durante o processo, de maneira que as duas formas coexistem e concorrem, atingindo ou não a mudança. Em outras palavras, “entre quaisquer dois estágios observados de uma mudança em progresso, normalmente se tentaria descobrir o estágio interveniente que define a trilha pelo qual a estrutura *A* evoluiu para a estrutura *B'* (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]: 122).

Outros problemas da Teoria da Variação e Mudança – por exemplo, a *avaliação* e o *encaixamento social* – também podem somar à Teoria da Gramaticalização. Uma forma gramaticalizada pode ser avaliada positiva ou negativamente pelos falantes, o que impulsiona ou freia a mudança (LABOV, 2008 [1972]), de maneira que o encaixamento linguístico também está vinculado ao encaixamento social da forma gramaticalizada (AMORIM, 2011), o que pode ser evidenciado através da frequência de uso nas diferentes faixas etárias. Além disso, a *implementação* da mudança ajuda a descrever os caminhos por que passou determinado item gramaticalizado, os contextos em que se davam casos de ambiguidade, por exemplo, contribuindo para se ter uma visão geral do percurso.

Quanto aos pontos divergentes dessas duas teorias, afirma Poplack (2011) que, enquanto a Teoria da Gramaticalização fornece hipóteses sobre a mudança,

mostrando a natureza “em camadas” de formas linguísticas e assumindo que um certo número de formas mais ou menos gramaticalizadas podem estar simultaneamente disponíveis para a expressão do mesmo significado, a Teoria da Variação e Mudança tenta captar as variantes – formas concorrentes – sem, no entanto, afirmar que estas têm mesmos significados, mas que admitem um mesmo valor referencial num determinado contexto, sem perda de significado. Outro ponto importante que distingue as duas teorias é o fato de a mudança para a Teoria da Gramaticalização nunca atingir um fim, ou seja, não ser concluída, ao passo que, para a Teoria da Variação e Mudança, admite-se que tanto pode haver variação estável de determinadas formas linguísticas, como podem existir formas concorrentes que, a determinado tempo, deixam de concorrer, resultando na substituição de uma forma pela outra, o que equivaleria à conclusão do processo de mudança.

Com base no exposto e coadunando com Poplack (2011), reconhece-se que, à parte as divergências, três pontos comuns podem ser identificados nas teorias em que se fundamenta este estudo, a saber: (i) primazia da língua em uso (estudos empíricos), (ii) onipresença da variação e (iii) gradação do processo de mudança.

2 Futuro sintético e analítico em espanhol

Diferentes línguas como o espanhol, o português, o francês e o inglês dispõem de mais de uma estratégia para expressar futuridade. No que tange ao idioma de nosso interesse, além do presente do indicativo, o espanhol conta com uma forma sintética (*cantaré*) e outra analítica (*voy a cantar*). O surgimento e desenvolvimento dessas construções gramaticais têm sido satisfatoriamente explicados através da Teoria da Gramaticalização (OROZCO, 2005; AARON, 2006; ZIELINSKI, 2009; CAMARERO, 1999; POPLACK, 2011). Não nos detemos neste trabalho ao estudo da gramaticalização da forma sintética; interessa-nos, senão, sintetizar o percurso de gramaticalização pelo qual passou (ou está passando) a construção perifrástica, dado que ainda é possível encontrar os significados anteriores ao da forma gramaticalizada como marcador de futuro.

Estudos que abordam os marcadores de futuro derivados do verbo de movimento *ir* (*go* em inglês, *ir* em português e espanhol, *aller* em francês) argumentam que o significado original desse verbo, que indica deslocamento no espaço (movimento), se expandiu para contextos de deslocamento no tempo, por meio da profícua metáfora *o tempo é o espaço* (ZIELINSKI, 2009; HENGEVELD, 2011).

Outra explicação que se dá para essa evolução toma a metonímia como o mecanismo responsável pela *gradativa* expansão de significados da construção perifrástica (CAMARERO, 1999). Nessa perspectiva, é possível aplicar ao espanhol o *cline* de evolução semântico-sintática da construção do inglês *is going to* (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991): *ir a* > atividade orientada para um objeto > intenção > prospectivo > futuro.

Nessa direção pragmático-discursiva, de acordo com Camarero (1999, p. 164, tradução nossa), o valor inicial da construção *ir a + infinitivo* era de movimento (1). Deste, passou a um significado intencional, no qual se tem a seguinte leitura: “quando se vai a um lugar, tem-se uma intenção concreta” (2).

(1) *Van a buscar a Valencia a myo çid don Rodrigo. (Poema de Mio Cid, v. 1628) (...)*

(2) *(...) fuyendo de las cosas conosçidas vas a buscar las que non sabes aun sy fallaras. (Sumas de la historia troyana. fol.114r)*

Este valor intencional, nos contextos em que não havia mais a noção de movimento, acaba sendo o mais relevante da construção, o que supõe a convencionalização de um sentido inferido.

Por fim, da noção de intencionalidade chega-se à noção de futuro (3 e 4), sentido já documentado pelo menos desde o século XV, segundo Camarero (1999).

(3) *De mi Alexandre fijo de filipo a Dario (...) sepas que vo yo lidiar contigo & que he fiuzia en dios que me crio que me anparara de ti & a el me encomiendo & por el me guio. (Bocados de oro, p. 63)*

(4) *(...) en la verdad peccador eres: e obligado a muchas passiones. De ti mismo siempre vas a ser nada: e luego cahes: e eres vencido: luego eres turbado: luego desfecho. No ternas cosa de que te puedas tener por vil. (Imitatio Christi, p. 75)*

Cabe destacar que alguns autores, como Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991), preveem uma etapa anterior à da indicação de *tempo* futuro, que se trata da noção de futuro próximo (prospectivo), como vimos no *cline* proposto pelos autores. A respeito do futuro, muito se tem teorizado, especialmente no que se refere a suas complexas relações com as categorias *tempo*, *aspecto* e *modalidade*. A esse respeito, uma das hipóteses defendidas por Hengeveld (2011) é que as fontes potenciais para os marcadores de tempo são os marcadores de aspecto e marcadores de modalidade orientados ao ouvinte. Nessa perspectiva, Fleischman (1983, p. 183, tradução nossa, grifos da autora) argumenta, para as línguas romances, que as construções com verbo *ir* se desenvolvem “de exponentes de ASPECTO, cuja principal função consiste em identificar a situação descrita pelo verbo como sendo de ‘relevância presente’, para exponentes do TEMPO”.

Tendo contextualizado o objeto de interesse deste estudo, na próxima seção, apresentamos os aspectos metodológicos adotados para a análise, bem como as variáveis controladas.

3 Aspectos metodológicos

Para a presente análise lança-se mão de oito entrevistas da amostra sociolinguística do Projeto PRESEEA - cidade de Alcalá de Henares (Espanha). Selecionaram-se entrevistas de informantes com baixa e alta escolaridade, das faixas etárias de 20 a 33 anos e acima de 57 anos, de modo a verificar se as variáveis sociais *escolaridade* e *idade* apresentariam alguma influência sobre o fenômeno.

Cabe destacar que, para o tratamento estatístico, foram eliminados os contextos de uso categórico das formas. Os casos excluídos referem-se a usos do futuro sintético como recurso para expressar dúvida (5) (*futuro de probabilidade*), e da perífrase quando expressa somente deslocamento no espaço em direção a uma

finalidade (6) – neste último caso, não foram excluídos os dados ambíguos. Em todos os contextos excluídos considerou-se que a outra forma não seria possível. Também foi excluído um dado com a construção “*vamos a ver*”, com função de marcador discursivo.

(5) (...) *y hace unos días/ estuve haciendo una boda/ de un primo carnal mío en las Salesas/ y me acordé mucho mucho de él/ porque allí/ digo «allí vivirán sus hijos/ supongo»// (3H3)*

(6) *1. no/// no/ mis padres// claro se vinieron aquí ya con cincuenta años/ entonces/ mis padres/// no lo sé lo que se siente// no lo sé/ han hecho su vida aquí y// mi padre está jubilado ya y no sé// ellos/ están también conectados con la gente de Castilla-La Mancha ¿no? 2. (hm) (hm) 1. entonces tienen su centro regional y de vez en cuando van allí a- a hablar con su gente/ (1H3)*

A *variável dependente* consiste na perífrase de futuro e o futuro sintético, formas que estão em variação linguística, no que se refere à expressão de tempo futuro. Quanto às *variáveis independentes*, isto é, os possíveis condicionadores de uma ou outra forma, foram controlados: a *pessoa gramatical/animacidade do sujeito*, o *número de sílabas do verbo*, o *ponto de referência* da situação, o *tipo de verbo*, a *idade* e a *escolaridade do informante*. A escolha das variáveis independentes pautou-se em estudos empreendidos sobre o fenômeno em espanhol (OROZCO, 2005; AARON, 2006; MARTÍNEZ GUILLEN, nd).

Em direção aos estudos de Orozco (2005) e Martínez Guillen (nd), conjectura-se que os sujeitos com referentes inanimados desfavoreçam a forma perifrástica, haja vista que, nos estágios iniciais da gramaticalização, essa construção só ocorria com sujeitos animados, devido aos seus valores iniciais que indicavam movimento e intenção, implicando um sujeito compatível com essas características.

Quanto ao *tipo de verbo*, nossa hipótese é de que os verbos dinâmicos, dentre os quais se incluem os de moção/movimento (*ir, llegar, volver*, por exemplo), tendam a favorecer a forma analítica, e que os verbos de estado, de percepção e os psicológicos (*estar, notar, preocupar*, por exemplo), ainda constituam um contexto de resistência da forma sintética, desfavorecendo a forma perifrástica (AARON, 2005; MARTÍNEZ GUILLEN, nd).

Controlamos o *número de sílabas* do verbo lexical para averiguar se a saliência fônica também influencia a seleção das formas. Para esta variável, esperamos que as palavras que tenham 3 ou mais sílabas favoreçam a perífrase (*voy a desarrollar*, por exemplo), enquanto as palavras menores (com até 2 sílabas) indiquem preferência pelo futuro sintético (*seré, iré*, por exemplo).

No que diz respeito à variável *ponto de referência* da situação – discussão inspirada no estudo de Reichenbach (1960 [1947]) –, a hipótese é de que situações ancoradas em referências que contemplam o momento da fala apresentarão maior frequência de uso de formas como *voy a cantar* em detrimento de *cantaré*, considerando a herança de Aspecto prospectivo da forma perifrástica. Desse modo, além do controle das ocorrências sem marcadores temporais, controlamos contextos em que a situação expressa pelo verbo marque: (i) a relevância presente, via presença de complementos adverbiais que contemplem o momento da enunciação

(*hoy, esta semana, el presente siglo*, por exemplo) – ocorrência em (7) – ou via presença de verbos *dicendi* (*decir, hablar, comentar*, entre outros), os quais colocam a situação no plano atual da enunciação – ocorrência em (8) – e (ii) contextos que não contemplam o momento da enunciação, tendo em vista complementos adverbiais como: *mañana, la próxima semana, el próximo año, en dos años*, entre outros.

(7) 1. *ahora voy a disfrutar de niña»/ y además está preciosa ¿eh? que los sábados en Y// no quería ir nada más que irse con su tío/(1H1)*

(8) 1. *pues yo te voy a decir una cosa/ que de todas esas cosas la culpa la tenemos el ciudadano///(3H1)*

Quanto às variáveis independentes sociais, *idade* e *escolaridade*, em direção a estudos labovianos, nossa expectativa é de que quanto menor a faixa etária e a escolaridade do informante, maior será o uso do futuro perifrástico – forma inovadora; por outro lado, quanto maior a faixa etária e a escolaridade do informante, mais recorrente será o uso do futuro sintético – forma conservadora.

Finalmente, aos dados codificados e em análise nesta pesquisa, aplicou-se o programa Goldvarb (2001), que possibilita realizar análises da frequência de uso e medir os pesos relativos para cada fator.

4 Resultados e discussão

De um total de 123 dados, 56% (70/123) são formas perifrásticas e 43% (53/123) formas sintéticas. Esses resultados nos permitem observar que a *forma sintética* ainda é bastante usual na língua oral espanhola, se comparada a outras línguas como o português brasileiro, na qual está praticamente desaparecendo na função de marcador de futuro em dados orais de fala espontânea.

No que tange à análise estatística, as variáveis *persona gramatical/animacidade* e *idade* foram descartadas pelo programa. A Tabela 1, que segue, apresenta os valores percentuais para cada um dos fatores da variável *persona gramatical/animacidade*:

Pessoa gramatical/ Animacidade	Futuro Perifrástico	%	Futuro Sintético	%	% Geral
<i>1ª pessoa animado</i>	33/49	67%	16/49	33%	40%
<i>2ª pessoa animado</i>	11/24	45%	13/24	55%	20%
<i>3ª pessoa animado</i>	10/25	40%	15/25	60%	20%
<i>3ª pessoa inanimado</i>	16/25	64%	9/25	36%	20%
TOTAL	70/123	57%	53/123	43%	100%

Tabela 1: Variável independente *persona gramatical/animacidade*

Como é possível observar na Tabela 1, os percentuais para cada fator não apresentam diferença significativa entre si. O fato de esta variável não ter sido

selecionada e de os percentuais para o fator 3ª pessoa inanimado terem sido superiores com a perífrase (64%) ao invés do futuro sintético (36%) contraria nossa hipótese inicial de que este contexto seria de restrição da forma perifrástica. Este resultado leva-nos a interpretar que a forma inovadora superou uma das restrições presente em estágios iniciais do processo de gramaticalização, que se refere à exigência de sujeito com traço [+ animado], já que se pressupunha nesse valor inicial a intencionalidade do sujeito.

No que tange à variável idade, os resultados mostram que os falantes de faixa etária mais velha manifestaram menor frequência de uso da forma inovadora (perífrase de futuro), que corresponde a 46% do total, ao passo que os falantes de faixa etária mais jovem usam mais a forma perifrástica, sendo 47 de 74 dados, o que equivale a 64%. Embora esses percentuais, de alguma maneira, confirmem nossa hipótese de que a perífrase de futuro é mais usada por informantes com menor idade, os resultados parecem não se contrastarem significativamente, o que talvez explique o fato de esta variável social não ter sido selecionada pelo programa. Diante disso, a não seleção desta variável permite-nos inferir que a variação entre as duas formas se encontra relativamente estável, ou que pelo menos não apresenta sinais de mudança em tempo aparente. Nessa direção, possivelmente, as duas formas alternantes coexistirão por algum tempo, até que se especializem e deixem de co-ocorrer. Os valores em percentuais e quantidade de dados, referentes à variável idade, podem ser conferidos na Tabela 2, a seguir:

Idade	Futuro Perifrástico	%	Futuro Sintético	%	% Geral
20 a 33 anos	47/74	64%	27/74	36%	60%
Mais de 57 anos	23/49	47%	26/49	53%	40%
TOTAL	70/123	57%	53/123	43%	100%

Tabela 2: Variável independente *idade*

Quanto às variáveis independentes selecionadas como estatisticamente relevantes para a escolha da forma perifrástica, destacam-se, em ordem decrescente de importância, conforme sua força relativa – indicada entre os parênteses: tipo de verbo (480), número de sílabas (376), ponto de referência (371) e escolaridade (362).

De acordo com o esperado, os tipos de verbos que favorecem a perífrase de futuro são os dinâmicos, notadamente os de moção, com peso relativo de 0,762 neste último caso e 0,586 no primeiro – pesos relativos aplicados sobre a variante futuro perifrástico. Por outra parte, os verbos estativos, perceptuais e psicológicos desfavorecem o seu uso (0,282); logo, são contextos mais propícios para a forma sintética, na mesma direção dos resultados apresentados por Poplack (2011), referentes à amostra do espanhol do século XX. A Tabela 3, que segue, aponta os valores:

Tipo De Verbo	Futuro Perifrástico	%	Futuro Sintético	%	% Geral	PR
Dinâmico	36/53	68%	17/53	32%	47%	0,586
Dinâmico de	15/18	84%	3/18	16%	16%	0,762

moção <i>Estativo, perceptual ou psicológico</i>	18/42	42%	24/42	58%	37%	0,282
TOTAL	69/113	61%	44/113	39%	100%	

Tabela 3: Variável independente *tipo de verbo*

Ainda com relação à variável tipo de verbo, cabe destacar que foram descartados os casos em que tanto a forma analítica como a sintética funcionavam como auxiliares em construções perifrásticas modais e, portanto, não carregavam o sentido principal da perífrase, como, por exemplo, se observa em (9):

- (9) *1. hombre/ porque hace- (risa = 1) hace po- cincuenta años la capa de ozono no tenía ni un agujero/ eso está claro (risa = 1)// ante:s tú podías tomar- ahora te- te metes en- en pleno/julio// a las tres de la tarde a tomar el sol/ y te quedas como una chuleta// está claro// o te tienes que poner un bronceador de protector cuatro mil/ o alguna cosa de esas/ porque no: ... o sea y dentro de cinco años tomarás el sol y **tendrás que ponerte** y quitarte a los cinco minutos/// porque va a ser eso:/ un achicharramiento/2. ¿tú crees?/1. sí/ yo creo// al nivel que vamos sí (risa = 1)// ya ves que sí/// vamos a tener que meternos todos en casa (risa = 1)// es que vamos// por eso te digo que-/ que sí cambia la cosa/// (1H1)*

O resultado da variável ponto de referência, representada na Tabela 4, por seu turno, também corresponde à nossa conjectura inicial. Constata-se que, em contexto de relevância presente, ou seja, com complementos adverbiais (CA) que contemplam o momento da enunciação ou com verbos dicendi, observa-se maior frequência de uso do futuro perifrástico, marcando um percentual de 70% (37/53) para essa variante e um PR de 0,593:

Ponto de referência	Futuro Perifrástico	%	Futuro Sintético	%	% Geral	PR
<i>CA = momento da fala e verbos discendi</i>	37/53	70%	16/53	30%	44%	0,593
<i>CA ≠ momento da fala</i>	6/20	30%	14/20	70%	16%	0,222
<i>Sem CA</i>	27/50	54%	23/50	46%	40%	0,525
TOTAL	70/123	57%	53/123	43%	100%	

Tabela 4: Variável independente *ponto de referência*

Ao observar os resultados para a variável escolaridade, o fenômeno investigado se mostra sensível a diferenças sociais. Como se observa na Tabela 5, os falantes com menos tempo de escolarização tendem a utilizar mais o futuro perifrástico (70%), se comparados àqueles que possuem maior escolarização, os quais, por seu turno, tendem a utilizar mais o futuro sintético (61%). Além de os percentuais evidenciarem a estreita relação entre os encaixamentos estrutural e

social, os pesos relativos, aplicados sobre a variante futuro perifrástico, esclarecem ainda mais as diferenças: registra-se 0,653 sobre o fator escolaridade baixa e 0,291 sobre o fator escolaridade alta. Os resultados, portanto, confirmam nossa hipótese de que informantes com menor escolaridade usam preferencialmente a perífrase de futuro, na oralidade.

Escolaridade	Futuro Perifrástico	%	Futuro Sintético	%	% Geral	PR
<i>Baixa</i>	50/72	70%	22/72	30%	59%	0,653
<i>Alta</i>	20/51	39%	31/51	61%	41%	0,291
TOTAL	70/123	57%	53/123	43%	100%	

Tabela 5: Variável independente *escolaridade*

Finalmente, a variável referente ao número de sílabas também atestou a nossa hipótese. Conforme aponta a Tabela 6, os verbos com três ou mais sílabas mostraram-se favorecedores à forma perifrástica, sendo 18 ocorrências de um total de 24 dados, valor equivalente a 75% dos casos. Tal resultado, reforçado pelo peso relativo, que marcou um índice de 0,793, sinaliza que a saliência fônica parece contribuir para a produção de uma ou outra forma.

Número de sílabas	Futuro Perifrástico	%	Futuro Sintético	%	% Geral	PR
<i>1 sílaba</i>	14/26	54%	12/26	46%	21%	0,426
<i>2 sílabas</i>	38/73	53%	35/73	47%	59%	0,417
<i>3 sílabas ou mais</i>	18/24	75%	6/24	25%	20%	0,793
TOTAL	70/123	57%	53/123	43%	100%	

Tabela 6: Variável independente *número de sílabas*

Enfim, das seis variáveis independentes controladas nesta pesquisa – *pessoa gramatical/animacidade, tipo de verbo, ponto de referência, número de sílabas, idade e escolaridade* do informante –, apenas a que se refere à *pessoa gramatical/animacidade do sujeito* não se mostrou significativa para favorecer o uso da forma perifrástica de futuro, sendo, inclusive, a única que não atestou nossas hipóteses. Como foi apontado, embora o grupo de fator social *idade* não tenha sido selecionado pelo programa estatístico, parece haver relação entre a variável dependente e a faixa etária dos informantes. Ademais, com base em nosso *corpus* de análise, é possível apreender que as duas formas analisadas – *futuro perifrástico* e *futuro sintético* – são bastante usuais na modalidade oral da língua espanhola.

Considerações finais

Neste estudo, analisamos os contextos de variação entre o futuro perifrástico e o futuro sintético. No que concerne à abordagem variacionista, nossos resultados apontam que a forma inovadora se mostra influenciada por fatores de ordem semântica (tipo de verbo), semântico-pragmática (ponto de referência), fonética (número de sílabas) e social (escolaridade). A partir da abordagem teórica da

gramaticalização, os resultados apontam que o futuro perifrástico gramaticalizado avança em sua trajetória de mudança, atingindo contextos onde antes havia restrição – como os sujeitos com referentes não animados – e expandindo-se de contexto aspectual de prospecção para contexto temporal de futuro.

Referências

- AARON, Jessi Elana. Me voy a tener que ir yendo: A Corpus-Based Study of the Grammaticization of the *ir a* + INF Construction in Spanish. Selected *Proceedings of the 9th Hispanic Linguistics Symposium*, ed. Nuria Sagarra and Almeida Jacqueline Toribio, 263-272. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2006. Disponível em: < <http://www.lingref.com/cpp/hls/9/paper1384.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2013.
- AMORIM, Fabrício da Silva. Sociolinguística e gramaticalização: algumas convergências teóricas. *Revista Digital Inventário*. 9ª edição. Universidade Federal da Bahia. 2011. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/09/9/SOCIOLINGUÍSTICA%20E%20GRAMATICALIZAÇÃO%20ALGUMAS%20CONVERGÊNCIAS%20TEÓRICAS.pdf>>. Acesso em: 4 set. 2013.
- CAMARERO, Mar Garachana. Los procesos de gramaticalización. Universitat de Barcelona. In: *Revista Moenia*, 5, 1999, p. 155-172.
- FLEISCHMAN, Suzanne. 1983. From pragmatics to grammar: diachronic reflection on complex pasts and futures in Romance. *Lingua*, v. 60, june-july, 1983. p.183-214.
- GÖRSKI, Edair. A questão do continuum na interface variação/gramaticalização. In: MATZENAUER, C. L. B.; MIRANDA, A. R.; AMARAL, L. I. C. (orgs.). *Estudos da linguagem – VII Círculo de estudos lingüísticos do sul*, 2006. Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 145-172.
- GÖRSKI, Edair; TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: da teoria à prática pedagógica. In: SILVA et. al. (orgs.) *Lingüística e práticas pedagógicas*. Santa Maria: Pallotti, 2006, p. 127-148.
- GORSKI, Edair; GIBBON, Adriana O.; VALLE, Carla R. M.; DAL MAGO, Diana; TAVARES, Maria Alice. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: ROCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história I*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 106-122.
- HENGEVELD, Kees. The Grammaticalization of Tense and Aspect. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (ed.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 580-594.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. From cognition to grammar – evidences from African languages. In: TRAUOGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991. p.149-187.
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUOGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.17-35.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. Rio de Janeiro: Parábola, 2008 [1972], p. 215-373.

MARTÍNEZ GUILLEN, Jorge. *Futuro analítico y futuro sintético del español: un análisis basado en el uso*. Disponível em: <http://www.academia.edu/1982442/Futuro_analitico_y_futuro_sintetico_del_espanol_un_analisis_basado_en_el_uso>. Acesso em: 02/09/2013.

MIARA, Fernanda L. J.; OLIVEIRA, Leandra C. de; WILDNER, Ana K. *Perífrase de futuro e futuro sintético em espanhol oral: um estudo sobre variação e gramaticalização*. (mimeo)

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco; CESTERO MANCERA, Ana María; MOLINA MARTOS, Isabel; PAREDES GARCÍA, Florentino. *La lengua hablada en Alcalá de Henares: corpus PRESEEA-ALCALÁ*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2007.

OROZCO, Rafael. *Distribution of future time forms in Northern Colombian Spanish*. Selected Proceedings of the 7th Hispanic Linguistics Symposium, ed. David Eddington, 56-65. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2005. Disponível em: < <http://www.lsu.edu/faculty/rorozc1/Publica/Orozco%202005.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2013.

POPLACK, Shana. Grammaticalization and linguistic variation. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (ed.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 209-224.

REICHENBACH, Hans. *Elements of Symbolic Logic*. New York: Macmillan Company, 1960 [1947].

TAFNER, E. P. *As formas verbais de futuridade em sessões plenárias: uma abordagem sociofuncionalista*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Marcos Bagno (tradução). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968], p. 87-126.

ZIELIŃSKI, Andrzej. La metáfora y la metonimia en el proceso de la gramaticalización de las expresiones perifrásticas de futuridad en español medieval. In: *Études Romanes de Brno*, 30, 2009, 2.

ⁱ Discussão teórica estendida desta pesquisa foi submetida para publicação no *e-book* do XVII Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina – ALFAL (ano 2014).

ⁱⁱ Agradecimentos à equipe PRESEEA-Alcalá de Henares pela disponibilização da amostra (MORENO FERNÁNDEZ; CESTERO MANCERA; MOLINA MARTOS; PAREDES GARCÍA, 2007).

ⁱⁱⁱ Os cinco princípios de Hopper (1991) são discutidos por Miara; Oliveira; Wildner (2014), de modo a relacioná-los ao objeto de estudo aqui debatido. Para situar o leitor, cabe sintetizar os princípios de que lança mão Amorim (2011) ao aproximar as teorias em debate. A “estratificação” representa a coexistência de formas novas e antigas em um certo domínio funcional, sem que estas últimas sejam necessariamente descartadas. Ao discutir o segundo princípio – a divergência – Hopper (1991, p. 24) postula que, quando uma forma lexical é gramaticalizada, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que itens lexicais comuns.

^{iv} Não se pretende afirmar, com isso, que, no âmbito do espanhol, bem como do português, as duas formas de futuro em discussão sejam equivalentes, em termos de significado, em qualquer contexto.